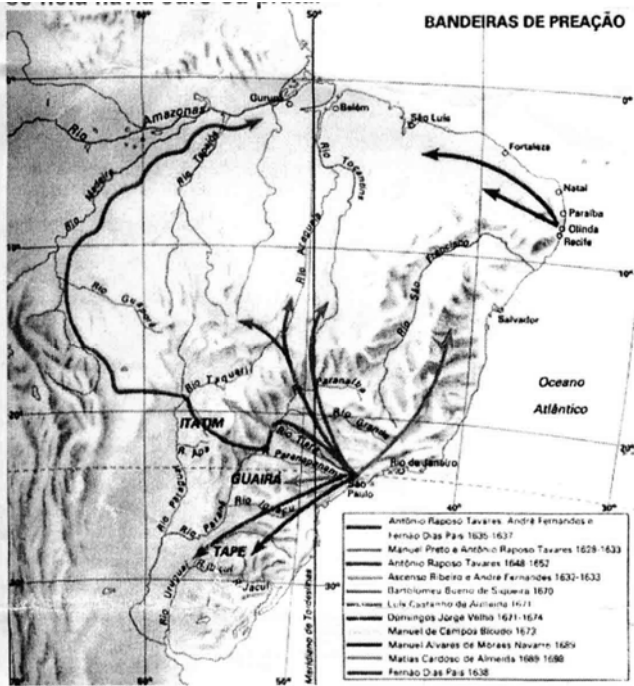


APRESENTAÇÃO:

Imediatamente após a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota, descreveu a terra recém-descoberta ao rei de Portugal, informando-lhe que ainda não sabia se nela havia ouro ou prata.



Desde a informação de Caminha, durante dois séculos, Portugal viveu a expectativa de encontrar metais preciosos na sua colônia.

Somente nos últimos anos do século XVII, o ouro foi descoberto em Minas Gerais. Pouco tempo depois, descobriu-se o metal também em Goiás e Mato Grosso.

As descobertas foram resultado da ação das Bandeiras Paulistas, expedições compostas por brancos, índios que viviam pelos Sertões desconhecidos à procura de metais preciosos. As bandeiras contavam com o incentivo da Coroa Portuguesa, que naquele momento, tinham um interesse ainda maior na descoberta do ouro.

As tentativas de Portugal de montar uma outra área produtora com um gênero agrícola diferente do açúcar tornou-se inviável nas últimas décadas do século XVII, em razão da concorrência no mercado de grandes quantidades de produtos tropicais oriundos das colônias Inglesas e Francesas.

I – ENTRADAS E BANDEIRAS: “A CAMINHO DO OURO”

Na Segunda metade do século XVII, ocorre a decadência do mercado açucareiro na Europa, motivado principalmente pela concorrência do açúcar Antilhanho. Dessa forma, a Coroa Portuguesa aumentou ainda mais o desejo, e agora necessidade, de encontrar os metais e pedras preciosas no território colonial. Para isto, foram

organizadas expedições militares que ficaram conhecidas como **Entradas e Bandeiras**.

As **Entradas** eram expedições que apresentaram um caráter **oficial**, ou seja, eram organizadas legalmente pelas autoridades metropolitanas, partindo sempre do litoral. Estas tinham como objetivo explorar o interior do território, aprisionar índios para trabalhar como escravos e procurar as cobiçadas minas de ouro.



As **Bandeiras** eram expedições **não-oficiais**, organizadas desde o século XVI por particulares paulistas chamados de bandeirantes, que objetivavam escravizar os índios e encontrar metais preciosos, como comenta Mafalda Zemella: “Empenhamos na tarefa árdua de reduzir ao cativo indígena, as primeiras gerações de paulistas prepararam o cenário para a refulgente época do ouro. Em suas tropelias pelo sertão, na perseguição ao gentio cruzaram nosso território em todos os sentidos, reconheceram serras e rios, exploraram campos e florestas, abriram picadas para o Sul, para o Oeste, para o Norte”.



A região das Minas foi o primeiro território onde encontrou-se o ouro. Anos depois, os metais também passaram a ser encontrados nas regiões do Mato Grosso e Goiás., onde também encontrou-se diamantes.

II – CORRIDA PELO OURO: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A MISTIÇAGEM:

As notícias da descoberta de ouro na região da Minas espalhou-se rapidamente dentro e fora da colônia, tendo por conseqüência a atração de milhares de pessoas, como comenta o jesuíta antonil, um dos grandes cronistas da época: **“A sede insaciável do ouro estimulou tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas, que dificulosamente se poderá dar conta do número de pessoas que lá estão (...). Cada ano vem nas frotas quantidades de portugueses e estrangeiros para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertão do Brasil, são brancos, pardos, recôncavos e sertão do Brasil, são brancos, pardos, pretos e muitos índios, de que os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: Homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus(...).”**



E bom percebemos que, juntamente com esta multidão ávida por ouro, atraída para a região das Minas, desenvolveu-se um acentuado processo de urbanização do mesmo território, pois a corrida pelo ouro proporcionou o surgimento de várias vilas e cidades, como as históricas **Vila Rica e São João Del Rey.**

A acentuação da miscigenação também pode ser apontada como uma conseqüência desta vertiginosa urbanização, intensificada com a chegada dos estrangeiros e colonos de outras capitanias.

III – A VIDA E A INTELLECTUALIDADE NA REGIÃO DAS MINAS:

Nos primeiros momentos, a vida era extremamente difícil na região das minas, pois um dos principais problemas enfrentados era o da alimentação, sendo que o abastecimento tornou-se precário, mediante a escassez do plantio, o que contribuía para uma elevada inflação com o aumento considerável no preço dos produtos.

Esta situação deixava a maioria da população em uma situação de penúria completa, pois mesmo o abastecimento externo era absorvido por um pequeno grupo de privilegiados, que conseguiam comprar os artefatos caríssimos.



O problema de abastecimento só foi resolvido posteriormente, quando iniciou-se o cultivo de roças, ocorrendo uma diversificação de gêneros alimentícios.

Nesse período, também deve ser notado o desenvolvimento de uma atmosfera intelectual na sociedade mineira, proporcionada por muitas famílias ricas que fizeram muitos investimentos na construção de obras de arte e monumentos requintados no estilo barroco, que ainda marcam as principais cidades do período mineralógico, como relata o poema de Oswald de Andrade, referindo-se a um gênio da época, chamado Aleijadinho:



*“No anfiteatro das montanhas
Os profetas de Aleijadinho
Monumentalizam a paisagem
As cúpulas brancas dos passos
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus da arte do meu país
Onde ninguém subiu mais.
Bíblia de pedra sabão
Banhada no ouro das minas.”*

Nesse período, também era comum os ricos mandarem seus filhos para completar seus estudos na Europa, onde acabavam entrando em contato com novas idéias e envolvendo-se no clima revolucionário, o que contribuiu não só para intensificar a produção cultural no Brasil, mas, principalmente, para o desenvolvimento da fundação da teoria de vários movimentos revolucionários contra a coroa Portuguesa que se seguiram.

Anotações:
